



## **DIVERSIDADE EM FOCO: EXPERIÊNCIAS DE UM ENSAIO FOTOGRAFICO COM ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO NO COLÉGIO ESTADUAL ALFREDO MOISÉS MALUF EM MARINGÁ/PR**

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3959

Bianca Maria da Costa Martinelli, UEM  
Cléophas Inácio Bezerra, UEM  
Gleisson Ramiro Cabral, UEM  
Hudson Alves Camargo, UEM

### **Resumo**

No intuito de trabalhar a questão da diversidade étnica dentro da sala de aula e de tornar sensível aos alunos a noção de unidade da raça humana, elaboramos uma atividade que visasse esta abordagem de forma mais prática. Esta atividade foi projetada por graduandos do curso de História/UEM por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), e foi desenvolvida em três turmas de 2º ano do ensino médio do Colégio Estadual Alfredo Moisés Maluf, na cidade de Maringá/PR. Este trabalho, portanto, tem o objetivo de relatar o processo de produção de tal atividade, assim como seu desenvolvimento e resultados, destacando as experiências vivenciadas pelos pibidianos dentro do colégio. A atividade foi realizada na forma de um ensaio fotográfico, no qual alguns alunos puderam se caracterizar de etnias diferentes da sua para tirarem uma foto que retratasse a diversidade étnica no âmbito escolar, visando romper com preconceitos tão comuns em nossa sociedade. Para este ensaio, foi montado um cenário no pátio do colégio utilizando um balanço de madeira pendurado numa árvore com a ajuda dos próprios alunos, no qual estes se assentaram e as fotos foram tiradas. Cremos que o uso desta metodologia promoveu a interdisciplinaridade no meio escolar, permitindo que a turma saísse da rotina de dentro de sala. Além do mais, a atividade contribuiu para uma interação mais intensa destes alunos com as diferenças étnicas e culturais existentes no seu meio social.

### **Palavras Chave:**

Ensino de História;  
Fotografia; Diversidade;  
Pibid.

## Introdução/Justificativa

A atividade a ser descrita e relatada neste artigo foi desenvolvida por graduandos do curso de História/UEM por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). O trabalho foi realizado em três turmas de 2º ano do ensino médio no Colégio Estadual Alfredo Moisés Maluf, localizado na cidade de Maringá/PR.

A atividade em si consistiu na realização de um ensaio fotográfico com os alunos, tendo como objetivo retratar a diversidade étnica existente no meio social onde vivem. Para isto, a turma foi levada para fora da sala de aula até o pátio do colégio, onde havia um balanço de madeira elaborado anteriormente pela professora supervisora e por alguns estagiários. Ao chegarem lá, os alunos ajudaram a professora e os pibidianos a pendurarem o balanço numa árvore que havia no pátio, montando, assim, um cenário apropriado para o ensaio fotográfico. Após a montagem do cenário, os alunos que iriam se caracterizar de indígena vestiram uma saia de sisal e pintaram o rosto com alguns grafismos próprios da cultura indígena. Depois de prontos, os alunos, de etnias diferentes, e até outros professores se assentavam no balanço e posavam para a foto.



Rompendo com o preconceito vivenciado dia a dia no cotidiano escolar, buscamos ressaltar a identidade negra, branca, indígena e asiática, juntamente com sua cultura, como sendo variedades étnicas dentro de uma mesma raça, a qual deve ser marcada pela unidade. As caracterizações contribuíram bastante para esta mudança de perspectiva, principalmente no caso da figura indígena, visto que, alunos de descendência indígena se dispuseram para se caracterizar de índio para tirarem as fotos, buscando, assim, reafirmar sua identidade étnica. Tanto a vestimenta, quanto a pintura corporal foram muito importantes para esta identificação, na medida em que gerou “interação e reciprocidade com o fotógrafo e com quem mais vier a vê-la num marco extra cotidiano” (MARTINS, 2008, p.14). Sendo assim, a fotografia busca se conectar com aquele que a vê, com o objetivo de fazer-se entender pelo seu “leitor”.

Os demais alunos, posaram para as fotos da maneira em que estavam, já que os seus traços físicos destacavam por si só suas origens. Esta questão aparente talvez possa soar como uma forma discriminatória ou como alvo de preconceito. Entretanto, temos em vista que a “situação racial” existente no Brasil deve ser trabalhada de acordo com a maneira que é definida, visto que o preconceito brasileiro pode ser considerado “de marca” ou de aparência, tomando como base a definição deste preconceito feita por Oracy Nogueira ao dizer que,

Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca (...) (NOGUEIRA, 2006, p.292).

Sendo assim, cremos que o preconceito baseado no visual e no aparente deve ser combatido a partir da afirmação da diversidade também no âmbito exterior. É certo que a questão do respeito à diversidade vem sendo muito trabalhada na atualidade. Entretanto, percebe-se que em nossa sociedade estes discursos acabam se fixando na mentalidade do brasileiro em forma de teoria, mas são pouco aproveitadas no seu trato diário com a sociedade. Isto pode ser observado em vários âmbitos da sociedade, na qual um indivíduo reconhece que determinadas práticas são preconceituosas, mas não consegue se desvincular delas no mundo real.

Diante disto, cremos que a aproximação dos alunos ao tirar as fotografias e o contato necessário a este tipo de atividade gera a transmutação da teoria ensinada em sala de aula sobre respeito e diversidade para o convívio prático de cada aluno em sociedade.



## Objetivos

Esta atividade teve como objetivo realçar a diversidade étnica e cultural presente no cotidiano escolar, promovendo, por meio da fotografia, uma interação social e uma maior proximidade entre os alunos. Através desta metodologia, pudemos romper com as aulas tradicionais de dentro de sala, explorando melhor o espaço escolar e os recursos didáticos por ele disponibilizados.

## Resultados

O resultado da atividade foi muito satisfatório. Os alunos gostaram bastante de participar do ensaio e também contribuíram para a montagem do cenário e das pinturas corporais. Notamos que foi um momento de bastante descontração para eles, no qual puderam sair da rotina da sala de aula e tirar fotos com seus colegas de turma.



## Considerações finais

Assim como muitas outras atividades realizadas pelos pibidianos nas escolas, este trabalho também foi muito gratificante e permitiu o aprendizado por ambas as partes. A maneira com que os alunos interagiram entre si na montagem do cenário e durante todo o ensaio nos fez ver que o conhecimento histórico-social pode ser transmitido pelos métodos mais

variados possíveis, se forem usados adequadamente, como no caso da fotografia. Sendo assim, buscaremos para trabalhos futuros a investigação de novos métodos de aprendizado que possibilitem a abordagem de temas e conteúdos reflexivos acerca da realidade.

### **Referências**

ABUD, Kátia; SILVA, André C. M.; ALVES, Ronaldo C. Ensino de História. São Paulo:

Cengage Learning, 2013.

BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. São Paulo: Contexto, 2008.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social - Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.19, n.1, p. 287-308, 2006.